

RELATOS DO PRESENTE: REPRESENTAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE E A TECNOLOGIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

RODRIGO LEMOS SIMÕES*

RESUMO

Este texto tem como objetivo analisar o discurso de estudantes em situação de estágio curricular a respeito da sociedade atual e a popularização das tecnologias da informação. A criação e expansão de novos e mais potentes instrumentos midiáticos tem impactado os diferentes espaços de formação e atuação dos sujeitos, entre eles a escola, tornando recorrente nos textos em questão as ambiguidades desse processo. Iniciaremos expondo as circunstâncias relativas à prática docente, para depois observarmos algumas das transformações ocorridas em nossa sociedade nas últimas décadas, especialmente no que se refere à desarticulação de antigos padrões de existência, a sua relação com o avanço da tecnologia e a massificação da informação. Finalizaremos com a análise de excertos retirados dos relatórios de estágio.

PALAVRAS-CHAVE: formação de professores, representações, sociedade, tecnologia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the discourse of students undergoing curricular internship in regard to the contemporary society and the popularization of information technologies. The creation and expansion of new and more powerful media tools has impacted the different fields of training and occupation of subjects, including the school, making the ambiguities involved in this process recurrent in the discourses. We start exposing the circumstances related to the teaching practice and then we analyze some changes occurring in our society in the last decades, especially with regard to the dismantlement of old existence patterns, its relationship with the advance of technology and the massification of information. We conclude with the analysis of excerpts taken from internship reports.

KEYWORDS: teacher education, representation, society, technology.

* Professor do curso da História da Ulbra; coordenador e professor do curso de História do Unilasalle; doutorando em Educação pela PUC-RS. E-mail: rlsimoes.71@gmail.com

Ao longo de minha prática como professor e orientador de estágio curricular no curso de História, interessou-me identificar nas falas dos acadêmicos as formas com que os discursos e teorias a respeito do universo escolar, os seus protagonistas e as suas práticas, produzem modelos e representações a respeito do trabalho que estão prestes a realizar. Tudo aquilo que acreditam encontrar e que projetam como sendo o ideal a ser realizado, remete-nos a regimes de verdade sobre a educação, a escola, o professor, os alunos e o que mais diga respeito ao contexto educacional, sendo dificilmente questionado pelos estudantes em sua fase de formação para a docência. A construção da identidade de professor é atravessada por esses discursos que, inevitavelmente, fazem com que seja posta em questão a relação estabelecida com a prática educativa já nas primeiras experiências profissionais.

A importância atribuída à prática e à identificação dos problemas concernentes à formação inicial adquire significado uma vez que se busca compreender o universo de representações construído pelos estagiários nos momentos que antecedem o início da atuação em sala de aula. Ir à escola na condição de professor por si só faz convergir sobre o acadêmico uma série de reflexões a respeito da sua formação como pessoa junto a tudo aquilo que acreditou e apreendeu no ambiente universitário.

Identidade e representação são dois conceitos importantes para que possamos identificar, através da análise dos enunciados, a maneira como são erigidas determinadas práticas discursivas. Assim como Silva (2009, p. 89), entendemos que questões de identidade não podem ser compreendidas fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido, sendo o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva, logo, cultural e socialmente atribuído. Já o conceito de representação, tal como utilizado pela análise cultural, está relacionado a sistemas de significação sobre determinados objetos, a fim de compreender a forma como eles historicamente vieram a ser concebidos de uma maneira e não de outra. Para o autor, tanto o conceito de identidade como o de representação não podem ser entendidos como elementos neutros, ou como algo que existe naturalmente e que adquire sentido em si mesmo, uma vez que estão implicados em disputas e sistemas de poder.

É na intersecção entre representação e identidade que podemos localizar o caráter ativo de ambas. A representação não é um campo passivo de mero registro ou expressão de significados existentes. A

representação tão pouco é simplesmente um efeito de estruturas que lhes são exteriores: o capitalismo, o sexismo, o racismo... Os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais. Ela não é, entretanto, um campo equilibrado de jogo. Por meio da representação travam-se batalhas decisivas de criação e de imposição de significados particulares: esse é um campo atravessado de relações de poder. A identidade é, pois, ativamente produzida na e por meio da representação: é precisamente o poder que lhe confere seu caráter ativo, produtivo (SILVA, 2006, p. 47).

O rol de representações dos acadêmicos a respeito da ação educativa e da inserção inicial no ambiente escolar insere-se em um contexto de ambiguidades, onde os fenômenos vivenciados em torno das práticas culturais, suas peculiaridades e diversidades convivem com outro fenômeno, o da homogeneização. Se por um lado nos chegamos às expressões culturais em busca da autonomia e da diversidade, por outro somos assolados pela enxurrada de manifestações produzidas e veiculadas nos meios de comunicação em massa (SIMÕES, 2010, p. 2). Ao escreverem o relatório do estágio, as observações em torno da sociedade atual tornam-se importantes na medida em que dão sustentação a uma série de argumentos sobre como se encontra a escola, qual o sentido da educação, o papel do professor e a relação deste com os estudantes. Estar em sala de aula desenvolvendo o estágio habilita o professorando a falar sobre tais assuntos com propriedade, não aquela de quem exerce a profissão por anos a fio, mas com um olhar de quem faz uma descoberta, por mais que a instituição escolar não seja estranha a nenhum deles.

SOCIEDADE, INFORMAÇÃO E MASSIFICAÇÃO

Para o historiador inglês Eric Hobsbawm, ao longo da segunda metade do século XX as identidades locais foram sacudidas por uma onda de novos significados desestabilizadores das instituições e da tradição a elas imputada. Seu balanço a respeito do final do século XX, ou das grandes transformações que nos lançaram diante das mudanças nos padrões de entendimento do mundo erigidos até então, pode ser traduzido pela suplantação das unidades nacionais típicas dos Estados modernos, por um vertiginoso processo de globalização, onde tanto as políticas de Estado como o cotidiano das populações vêm-se cada vez mais condicionados pelo avanço dos transportes e das comunicações, e

pela desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano, ocasionando a quebra dos velhos elos entre as gerações, resultado do acelerado processo de desvinculação entre passado e presente que vivemos (1995, p. 24).

Nesse sentido, a rejeição da ordenação social sob os ditames e os preceitos morais daquelas instituições até então consagradas deu espaço a uma série de incertezas e imprevisibilidades. Estas passaram a sacudir os alicerces do tradicionalismo e dos valores comuns que desde muito tempo regulavam o comportamento das pessoas. Abrandaram-se os formalismos que caracterizaram a vida pública até então e a publicidade passou a invadir quase todos os momentos da vida diária, não se limitando a padrões preestabelecidos, colocando em evidência a possibilidade de cada um constituir-se como pessoa privada dentro da própria vida coletiva (VINCENT, 1992, p. 136).

Por todo o planeta as resistências foram sendo minadas e o incremento da publicidade no trabalho de difusão de novos modos de vida ganhou terreno, invadindo e confundindo espaços, vendendo o que é produzindo em série para consumidores iludidos por uma falsa ideia de independência e autonomia nos seus modos de se constituírem enquanto indivíduos.

Soma-se a isso o predomínio da cultura juvenil que se processou através do avanço com que as informações alcançaram esse público. A mudança de comportamento consolidou-se de uma geração para outra, assim como o abismo que separa gerações que não foram socializadas em um contexto juvenil autoconsciente e informatizado. Além disso, o internacionalismo da cultura jovem urbana que ganhou espaço através do cinema, do rádio e, depois, da televisão, e difundiu-se através das músicas e das imagens, culminando em todo um estilo de vida típico das sociedades de consumo, criou moda para as massas, além de fomentar o gosto pelas emoções fortes, ainda que efêmeras.

Esse movimento foi amplamente aceito e saudado pela indústria de bens de consumo, que vislumbrou de imediato as possibilidades de lucro, na medida em que os novos hábitos exigiam um novo mercado. No mundo globalizado, a fascinação que os objetos de consumo-comunicação exercem sobre as pessoas, especialmente entre os mais jovens, deve-se ao fato de abrirem novos espaços de independência pessoal, rompendo com as barreiras de espaço-tempo, propiciando um pseudopoder do indivíduo sobre si mesmo. Conforme Giddens (2003), a globalização tecnológica e cultural que está reestruturando o modo como vivemos está longe de ser um processo singular, trata-se sim de

um conjunto bastante complexo de processos que operam de maneira contraditória ou antagônica, causando-nos uma sensação de insegurança e impotência diante da velocidade com que nos deparamos com as mudanças em nosso cotidiano. O local e o global se entrecruzam na mesma velocidade em que surgem novos riscos e incertezas.

No final do século XX consolida-se o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, marcando de forma inexorável a ruptura dos laços sociais que tacitamente haviam sido erigidos ao longo da modernidade. As regras e os valores de então já não parecem tão relevantes, na medida em que os modelos gerais de comportamento e relacionamento vão sendo solapados pelos jovens, e a contestação da autoridade estendeu-se aos mais diversos locais.

Vive-se um “conformismo emancipado” que, na visão de Gérard Vincent (1992), vai além dos modos de vida e consumo, criando novas formas de conceber valores e ideias que são formadas a partir do que os meios de comunicação esforçam-se em difundir, homogeneizando padrões de conduta, constituindo de forma fragmentária o imaginário a respeito dos mais diversos assuntos. A superficialidade e a rapidez com que surgem e se dissolvem as preocupações do momento, somadas à substituição da informação pela comunicação, demonstra bem os sintomas da perda dos parâmetros que até então estabeleciam em fronteiras bem definidas aquilo que dizia respeito à vida pública e o que deveria ser tratado no âmbito do privado.

A informação apresentava as questões públicas como tais, em sua generalidade e exterioridade. A comunicação quer que todos partilhem pessoalmente: ela aborda os problemas gerais através dos exemplos particulares que possam despertar uma identificação, dramatizando e apelando aos sentimentos. Ela pretende que o acontecimento seja “diretamente vivido”, como se o expectador fosse um ator. Assim ela dissolve as fronteiras do privado e do público (VINCENT, 1992, p. 149).

Conforme salienta Lipovetsky (2009), a difusão de uma cultura de massas teve seus efeitos sentidos muito além das satisfações psicológicas, ainda que este seja um dos seus elementos constitutivos de maior impacto. Para o autor, a cultura de massas teve um efeito histórico determinante no sentido de reorientar atitudes individuais e coletivas, difundindo novos modelos existenciais em todas as classes sociais (p. 258). Como vetor principal do individualismo contemporâneo, forjou modelos de

autorrealização, alimentando a fé incondicional na individualidade através da busca incessante do bem-estar e da satisfação privada, rompendo com antigos padrões convivência e reprodução dos valores sociais e de classe.

Estes também são alguns dos sintomas daquilo que Lipovetsky (2007) identificou como sendo a terceira fase dentro das “três eras do capitalismo de consumo”. A busca pela individualização e felicidades privadas passa a solapar o padrão do consumo como distinção social, e, por mais que fatores de diferenciação ainda sejam visíveis, os critérios individuais, independentemente das regulações de classe, passam a prevalecer. Tem início a fase do *hiperconsumo*, calcado na subjetividade, nas motivações privadas e no consumo emocional, que se sobrepõem às finalidades de distinção ou afirmação de um *status*.

O que se apodera de porções cada dia mais amplas do consumo é uma atividade consumidora sem negativo nem aposta inter-humana, sem dialética nem competição maior. Não vejo termo mais adequado que hiperconsumo para dar conta de uma época na qual as despesas já não têm como motor o desafio, a diferença, os enfrentamentos simbólicos entre os homens. Quando as lutas de concorrência não são mais a pedra angular das aquisições mercantis, começa a civilização do hiperconsumo, esse império em que o sol da mercadoria e do individualismo extremo não se põe jamais (2007, p. 42-43).

Trata-se de um mundo que, segundo Bauman (1998), reproduz-se independentemente dos malogros individuais, onde se torna necessário exorcizar-se daqueles que se situam às margens do mercado consumidor e dos que não querem ou não são capazes de vestir-se e despir-se das identidades ao sabor do momento. No mundo pós-moderno de que nos fala o autor, e ao contrário da tolerância e amor à diferença subjacentes aos diferentes discursos, a prova de permanência e aptidão efetua-se através dos testes de adaptação e voluptuosidade a que cada um é submetido pelo novo esquema de pureza. Os relutantes ou resistentes são os novos impuros, eles são redundantes – verdadeiramente “objetos fora do lugar” (p. 23).

A ESCOLA NA ATUAL CONJUNTURA

Tais sintomas são sentidos nas escolas e passaram a ser objeto de vários estudos. Diante das rápidas transformações por que passou a sociedade atual nas últimas décadas, passou-se a buscar

um entendimento da realidade educacional nos seus mais variados aspectos. Ainda que sejam verificáveis as mudanças ocorridas na escola ao longo do século XX, estamos longe de ver inalterados elementos significativos da sua gênese, entre eles seu caráter centralista e reprodutor de conhecimentos. Ainda assim, e conforme Imbernón (2004, p. 9), na atual conjuntura a escola e a profissão docente passaram a desenvolver-se marcadas pelo vertiginoso incremento nas formas de comunicação e conhecimento, desestabilizando antigos padrões de comportamento, colocando em conflito modelos tradicionais de conhecimento e as novas práticas descentralizadas e relacionais de educação.

O processo de liberação da educação familiar tornou-se vertiginoso, cabendo cada vez mais à escola assumir a responsabilidade do aprendizado dos jovens para a vida em sociedade. Transfere-se progressivamente a ela a incumbência de ensinar as regras de convívio, bem como o respeito às obrigações. Por outro lado, observa-se que a escola vem perdendo progressivamente seu espaço como instituição centralizadora do conhecimento. Essa instituição que desde a modernidade demonstrou-se tão significativa na formação dos sujeitos, hoje apresenta dificuldades de conseguir achar soluções e respostas para as transformações por que passa a sociedade atual.

Somado a isso, cada vez mais ela cede parte do seu espaço para as diversas mídias que invadem nosso cotidiano, especialmente os meios de comunicação eletrônicos. A democratização do acesso a esses veículos está criando um novo tipo de estudante, cada vez mais capacitado a embrenhar-se na selva da informação, ávido por conhecimentos que lhe chegam de forma abundante e fragmentada. Hoje, aprende-se sobre questões complexas das diferentes matérias escolares, e outras tantas que não fazem parte do seu currículo, nos mais diversos locais, conhecimentos que muitas vezes ainda não chegaram aos livros didáticos ou que ainda são desconhecidos pelo professor. Conforme Gvirtz e Larrondo (2006),

estamos ante la presencia de un conflicto, entre un programa institucional y una gramática escolar que cambian muy lentamente y las características de las culturas contemporáneas. Los “nuevos” alumnos que acuden a la escuela son diferentes al modelo de alumno tradicional, no solo en el plano cultural sino muchas veces, en las condiciones de educabilidad en las que ingresan. Las instituciones educativas todavía manifiestan dificultades en lo que refiere a la genuína incorporación de las nuevas realidades. A los

docentes les cuesta mucho dialogar con la existencia de otros lenguajes y saberes y otros modos de apropiación de la cultura diferentes de aquellos consagrados en los programas y las disposiciones escolares (p. 159).

Nesse sentido, a escola, assim como outras tantas instituições, inscreve-se naquilo que Giddens (2003) chama de “instituições-casca”. Para além do formato peculiar e do fato de parecer não terem mudado ao longo do tempo, mantendo uma aparência de estabilidade tal qual sustentaram no passado, essas “instituições-casca” na realidade estão ocas, são instituições que, segundo o autor, tornaram-se inadequadas para as funções que são chamadas a desempenhar (p. 28). Muito se fala em mudança nas escolas, mas pouco se vê de efetivo nesse discurso. Indiscutivelmente o que temos é a impossibilidade da escola em manter um modelo de formação disciplinar, calcado na homogeneização, elegendo saberes ao mesmo tempo em que relega ao segundo plano aqueles a ela exteriores. Torna-se evidente sua dificuldade em encontrar alternativas diante da diversificação hoje experimentada em termos de valores identitários e da busca pela autoformação.

A liberação pessoal e social passou a dar tom das mudanças. Vive-se um momento em que o individualismo se impõe, esvaziando de sentido as instituições mais tradicionais como a família, a escola e a igreja, locais outrora identificados como o porto seguro da ordem estabelecida e da manutenção da tessitura social. Na escola, os estudantes passaram a contestar a autoridade pedagógica dos professores, alegando que “o saber que se funda na autoridade não basta para protegê-la: ele próprio é denunciado como uma ordem abstrata, impessoal, sem relação com os interesses individuais e as necessidades coletivas” (VINCENT, 1992, p. 134).

NAS TRAMAS DA REDE: A ILUSÃO DO SUJEITO PLENO

São várias as dúvidas em relação aos rumos que toma a sociedade atual e o papel desempenhado pela educação diante das profundas transformações ocorridas ao longo das últimas décadas. Mesmo aqueles nascidos em um período em que a tecnologia já ocupava um papel de destaque, consideram que se torna cada dia mais difícil lidar com os paradoxos e promessas que inundam o cotidiano das pessoas e que de um modo geral acabam repercutindo de forma negativa nos diferentes momentos da dinâmica escolar.

A incapacidade de chegarmos a uma síntese sobre a expansão da educação associada à qualidade do ensino criou uma série de defasagens entre os projetos do Estado, as necessidades e desejos da sociedade e o que a escola tem a oferecer. Conforme podemos observar nos relatos dos acadêmicos, cada vez mais difunde-se a ideia de uma educação instrumental, capaz de colocar os indivíduos no mercado de trabalho. Diante do quadro de instabilidades e incertezas a que estamos submetidos na contemporaneidade, esse modelo passa a ser socialmente aceito, ainda que esvaziando de sentido os ideais formativos e emancipatórios do cidadão na sua plenitude e integralidade.

Nesse sentido, torna-se comum no discurso dos estagiários a representação da sociedade como excessivamente individualista. Movida pelos desejos pessoais que se sobrepõem à construção de projetos comuns, não conseguimos fazer com que as mudanças necessárias à construção de uma sociedade mais justa e solidária sejam efetivadas. Somos constantemente solapados pela desarticulação e fragmentação promovidas e disseminadas nas mídias que inundam nosso cotidiano com mensagens e informações a respeito do ganho individual necessário a nossa realização como pessoas. Levados a crer em tais premissas, desconsideramos que de fato necessitamos de um crescimento coletivo, capaz de nos levar às conquistas sociais necessárias à constituição de um ambiente de convívio saudável, onde valores e oportunidades sejam consumados como um bem comum.

Vivemos em um tipo de sociedade que apresenta uma importante especificidade em relação a todas as outras que já existiram até recentemente. Nossa sociedade realiza – ou pretende realizar – uma educação de massas, voltada para a técnica e para o mercado de trabalho. Na sociedade da incerteza que vivemos, a educação começa a ser vendida como um mecanismo para cada um tentar fugir do destino da imensa maioria, obtendo um ganho individual. (RELATÓRIO n. 140, 2009, p. 7)

A sociedade que busca o lucro acima de tudo, que enfatiza excessivamente a técnica e perde a capacidade de se comunicar – de estabelecer valores comuns, acordos, pactos, diálogos, fins compartilhados e legítimos – é uma sociedade que se destrói. (RELATÓRIO n. 73, 2007, p. 12)

É sabido que é a partir da educação que se pode mudar toda uma sociedade, mas como pensar na mudança entre cidadãos, se o que se observa é o individualismo, egoísmo e busca somente do que lhe faz bem e feliz? (RELATÓRIO n. 88, 2007, p. 16)

A repercussão do processo de crescimento e difusão tecnológica, especialmente no que se refere às tecnologias da informação e o impacto causado na sociedade, é também observado na escola. Se por um lado alimenta-se a expectativa de estarmos sendo guiados para uma direção de consenso e entendimento a respeito do seu significado, por outro são identificadas situações em que o discurso não se coaduna com a realidade escolar. Soma-se a isso a perda de valores importantes para a constituição plena do sujeito e a opção por um modelo de educação que prioriza a formação em massa, a padronização e o conteudismo em detrimento da promoção de olhares mais amplos e possibilidades distintas de entendimento da complexidade do contexto no qual estamos inseridos.

O antagonismo entre as mudanças por que a sociedade ocidental passou, especialmente o avanço das tecnologias da informação (e a forma como elas vêm impactando o nosso cotidiano), frente às idealizações de “passados” supostamente melhores (em que as relações entre os seres humanos aconteceriam de forma mais harmoniosa e fraterna), está presente na fala dos estagiários. “Passados” ideais são recorrentes nos discursos a respeito do mundo em que se vive, evocando de forma nostálgica um tempo perdido, ou ainda, em muitos casos, servindo como uma ferramenta de despressurização diante de circunstâncias consideradas extremas ou de difícil explicação.

Podemos observar em seus relatos que as tecnologias, especialmente as da área da comunicação, por vezes aparecem como vilãs e responsáveis diretas no processo de desarticulação dos relacionamentos entre as pessoas. Pouco otimistas quanto a essas questões, acreditam tratar-se de uma via de mão dupla, mas com alguns percalços. Se por um lado apresenta-se a nós uma democratização das informações sem precedentes, por outro somos mergulhados em um universo de inversão de alguns valores humanos considerados substanciais, em que até mesmo as relações entre as pessoas acabam por liquefazer-se. Nos excertos selecionados, podemos observar os argumentos utilizados pelos estagiários a respeito da sociedade atual e das tecnologias da informação.

<p>As sociedades vêm sofrendo inúmeras mudanças durante séculos, mas o que chama a atenção são os tipos de relação que foram se construindo durante estes processos. Se outrora se tinha uma sociedade pouco evoluída em termos tecnológicos, em contrapartida era possível observar verdadeiras relações entre homens, mais próximos em constante troca de saberes. (RELATÓRIO n. 88, 2007, p. 12)</p>
<p>As novas tecnologias agem como aliadas e vilãs da prática docente, têm afastado as pessoas, virtualizando as relações, mas também tornando acessível a muitas informações antes restritas a poucos, como no caso da digitalização de documentos. A mídia tem assumido o papel de educador e construído homens e mulheres muitos mais preocupados com a beleza do que com o saber. Existe uma grande preocupação com a estética e não com a ética (RELATÓRIO n. 18, p. 24).</p>
<p>Em épocas difíceis como a que estamos passando agora, e que já vem se arrastando há algumas décadas no Brasil, é inteiramente importante uma oxigenada no cenário educacional nacional. Só que esse momento de incertezas e turbulências que vive o mundo atual, com crenças e descrenças na ciência, na explicação do mundo, onde algumas questões são colocadas em xeque, enfim, um período crítico, me encontro no meio de todas essas questões não apenas como espectador, mas como um ser atuante no meio social, carregado de muitas responsabilidades que até certo ponto em um primeiro momento vão além das minhas capacidades (RELATÓRIO n. 150, p. 19).</p>
<p>Estamos vivendo uma época de muitas mudanças e diferentes transformações que vêm acompanhando a sociedade, e uma delas diz respeito às novas tecnologias e a aceleração da informação, na qual a sociedade pode inventar, compartilhar, analisar e colocar em prática todo o seu conhecimento (RELATÓRIO n.145, 2008, p.13).</p>

Segundo Lévy (1999), os estudos a respeito do avanço das tecnologias na atualidade de uma maneira geral contradizem a ideia muito difundida a respeito de uma substituição pura e simples do antigo pelo novo, do natural pelo técnico ou do virtual pelo real. Ao constatarmos que antigas práticas sociais passam a entrar em desuso na medida em que o ciberespaço torna-se mais presente em nossas vidas, isso não significa que exista meramente uma troca no desenrolar de tal processo, nem que a comunicação pelo ciberespaço venha a substituir o contato humano direto. Na realidade, o que se observa é a criação de novos planos de existência em que os modos de relação e comunicação interativa caminham junto dos novos modos de conhecimento, aprendizagem e pensamento, complexificando a estratificação dos espaços

estéticos, reorientando os hábitos, as habilidades e os modos de subjetivação das pessoas e dos grupos. Para ele,

a cibercultura se tornará provavelmente o centro da galáxia cultural do século XXI, mas a proposição segundo a qual o virtual irá substituir o real, ou que não podemos mais distinguir um do outro, nada mais é do que um jogo de palavras malfeito, que desconhece quase todos os significados do conceito de virtualidade. Se o virtual reveste a informação e a comunicação de suporte digital, a proposição é absurda: continuamos a comer, a fazer amor corpo a corpo, a nos deslocarmos no mundo, a produzir e a consumir bens materiais etc. Se o virtual for tomado no sentido filosófico, faz par com o atual ou a atualização, sendo ele mesmo um modo particularmente fecundo da realidade. Trata-se do virtual antropológico? A linguagem, primeira realidade virtual a nos transportar para fora do aqui e agora, longe das sensações imediatas, potência de mentira e de verdade, por acaso nos *fez perder* a realidade ou, ao contrário, nos abriu novos planos de existência? (LEVY, 1999, p. 219)

Um de seus principais argumentos a respeito da inserção da cibercultura em nosso cotidiano é o de que o desconhecimento sobre as novas tecnologias da comunicação acarreta uma série de equívocos sobre os seus usos e potencialidades, disseminando o medo de uma técnica desumanizante, contrapondo o real ao virtual sem fazer qualquer tipo de discernimento conceitual sobre ela. Para o autor, longe de ser uma desrealização do mundo, o universo cibercultural é antes uma extensão do potencial humano (LÉVY, 1999, p. 229).

OS PARADOXOS E LIMITES DA LIBERDADE

Em um primeiro momento podemos constatar nas falas dos estagiários que o avanço tecnológico abre um leque de possibilidades à sociedade, demonstrando diferentes maneiras de interação e mudanças possíveis no sentido de se efetivarem situações de aprendizado e conhecimento equitativas e democráticas. Está, portanto, relacionado à necessidade de mudanças sociais, com a democratização do conhecimento e com o desenvolvimento do ser humano e das suas possibilidades de entendimento e crescimento conjunto.

Posteriormente, constatamos que a mesma tecnologia que tende a libertar e emancipar o sujeito e a sociedade é vista como

limitadora dessas mesmas possibilidades, causando dúvidas nos autores em relação ao significado efetivo do seu avanço nos diferentes momentos e espaços aonde chega. Basicamente, a tecnologia apresenta-se de forma paradoxal, uma vez que, ao mesmo tempo em que constrói espaços de entendimento e comunhão entre os sujeitos, difunde o individualismo e a impessoalidade nas relações, estimulando uma busca incessante pela satisfação pessoal e, em outros casos, alimentando ilusões e preconceitos em relação às diferenças.

De uma maneira geral, acreditam que a tecnologia é boa, ainda que esteja em muitos casos servindo mais à exclusão das pessoas do que à inclusão. Trata-se de um sintoma da sociedade atual, voltada para o individualismo e despreocupada com a formação mais humana e solidária em que acreditam. Em nossa experiência como professor de estágio curricular, constatamos ser cada vez mais necessário explorar outros espaços de formação e de constituição dos futuros profissionais da educação, de maneira que não fiquemos restritos apenas a sua formação acadêmica ou a sua atuação em sala de aula. Precisamos ampliar nossa visão, no sentido de compreendermos de uma maneira ampla as práticas e representações feitas pelos estudantes sobre a sociedade, o que implica considerar as experiências e as socializações pré-profissionais, uma vez que atuam e se constituem como sujeitos da educação em diferentes espaços que extrapolam em muito o ambiente acadêmico.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE / CURSO DE HISTÓRIA. Relatório de Estágio Supervisionado n. 12. Canoas, 2006.
- _____. Relatório de Estágio Supervisionado n. 24. Canoas, 2007.
- _____. Relatório de Estágio Supervisionado n. 73. Canoas, 2007.
- _____. Relatório de Estágio Supervisionado n. 88. Canoas, 2007.
- _____. Relatório de Estágio Supervisionado n. 145. Canoas, 2008.
- _____. Relatório de Estágio Supervisionado n. 18. Canoas, 2009.
- _____. Relatório de Estágio Supervisionado n. 150. Canoas, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *Mundo em descontrolé*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GVIRTZ, Silvana; LARRONDO, Marina. Repensando la relación entre educación, escuela y culturas contemporáneas. In: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Canoas: Ed. da Ulbra, 2006. p. 153-163.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza*. São Paulo: Cortez, 2004.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SIMÕES, Rodrigo Lemos. Projetos de trabalho: prática crítica e reflexiva na formação de professores. In: ENDIPE – Encontro Nacional de Prática de Ensino, 15. *Anais...* Belo Horizonte, 2010. p.1-12.

VINCENT, Gérard. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. v. 5. p. 13-154.